

Bibliografia de Olavo de Medeiros Filho

Gustavo Sobral

Jornalista e escritor, tudo que escreve e publica está no seu site pessoal:
gustavosobral.com.br

Esta bibliografia é resultante de uma pesquisa realizada em 2024 que relacionou as publicações do pesquisador Olavo de Medeiros Filho, compreendendo livros, plaquetas e artigos veiculados nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Instituto do Ceará (IC), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL).

O ponto de partida foi o trabalho da diretoria de Biblioteca, Arquivo e Museu (BAM) do IHGRN, realizado pelo diretor Pedro Simões e pela bibliotecária Kate Coutinho, reunindo as publicações do pesquisador que constam no acervo do Instituto.

Medeiros foi sócio efetivo do IHGRN, admitido em 29 de março de 1982, e diretor da BAM por diversos períodos. Publicou livros e plaquetas por instituições, gráficas e editoras diversas, como Senado Federal e a Fundação José Augusto, entre outras; também colaborou com as revistas das instituições a qual integrou e com o jornal Diário de Natal/O Poti e, possivelmente, com o jornal Tribuna do Norte.

Nasceu em Caicó/RN, em 13 de fevereiro de 1934; e faleceu em Natal/RN, em 3 de julho de 2005. Foi sargento da Força Área Brasileira (1948), frequentou a escola preparatória de Fortaleza (1949) e foi funcionário do Branco do Brasil (1952-1982).

No Rio Grande do Norte, além de sócio do IHGRN, foi imortal da ANRL, tomando posse em 1989, ocupando a cadeira 36. Também pertenceu aos conselhos diretores da Fundação José Augusto do governo do Estado do Rio Grande do Norte e da Fundação Hélio Galvão, instituição cultural de caráter privado.

Foi, dentre outros, também sócio correspondente do IHGB (1987), Instituto do Ceará, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP) e Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Inclusive, na sua posse no IHGB, falou sobre “O terço dos paulistas do Mestre-de-Campo Morais Navarro à luz de documentação inédita” e foi saudado pelo historiador Egnon Wollf.

O presidente do IHGB, Arno Welling, ao resenhar o livro de Medeiros “Notas para a história do Rio Grande do Norte” para a Revista do IHGB (número 413, correspondente ao ano 162, out./dez de 2001, p. 229-230), destaca nas obras o que considera empatia com a pesquisa documental e acuidade crítica do pesquisador. Welling também menciona que Medeiros era um raro e bom exemplo de sucesso do autodidatismo.

“Notas para a história do Rio Grande do Norte”, para Welling, “é trabalho que se incorpora a historiografia colonial do Brasil, pelo que acrescenta ao melhor conhecimento da capitania potiguar entre os séculos XVI e XIX.” E que não deixa a desejar quando se trata do método que a história universitária faz uso.

Welling atribui uma validade ao trabalho historiográfico de Medeiros: “Pode-se dizer que o autor atinge o objetivo que define. Nos estudos que compuseram o volume o autor propõe uma dúvida ou questão, faz a recensão historiográfica do tema, analisa os documentos pertinentes – crônicas ou manuscritos – para então elaborar suas conclusões, quer taxativas, quer deixando em aberto hipóteses para as quais inexistente base documental.”

E mais adiante: “Deve ser ressaltada, o que justifica a referência à acuidade crítica do autor, a maneira pela qual explora as diferentes inferências lógicas que o trabalho documental lhe permite construir, o que fica evidenciado, entre outros, nos textos ‘Considerações sobre a fundação da cidade de Natal’, ‘A gruta do Bode, ou os Sete Buracos’, e ‘O contrabando de pólvora do capitão-mor da Paraíba’.”

Medeiros, para Welling é caso raro de sucesso, como na França do médico Philippe Ariès; e ainda, no Brasil, do diplomata Evaldo Cabral de Melo: “Numa época em que, felizmente, a pesquisa histórica no Brasil já alcançou certa complexidade e sofisticação, sobretudo, devido à investigação universitária desenvolvida nos cursos de pós-graduação, é salutar perceber que contribuições oriundas de outras áreas do

conhecimento ou de pessoas vindas das atividades ditas ‘profissionais’ em contraposição às ‘acadêmicas’ constituem-se em aportes valiosos ao saber.”

O jornalista Sanderson Negreiros, por sua vez, coaduna com a avaliação de Welling. Nas orelhas de “No rastro dos flamengos”, livro de Olavo de Medeiros Filho o tratou como um pesquisador “(...), sempre no limite da descoberta documental, que inaugura e reescreve; funda argumentos novos e dissipa dúvidas seculares”.

Ao que se soma o mérito que lhe é atribuído por Enélio Lima Petrovich nas orelhas do livro de Medeiros “Os Holandeses na capitania do Rio Grande”: “muitas conclusões históricas até hoje consideradas definitivas, são ratificadas [por ele], a saber: o local do desembarque holandês (...); a identificação do velho engenho Potengi (...). o perfil dos tapuias tarairiús (...); e o morticínio de Cunhaú e Uruaçu (1645).”.

Petrovich, no discurso de saudação a Medeiros na ANRL (publicado na Revista ANRL n.22, 1990), apontou que o interesse de Medeiros por história e genealogia vem da juventude, mas que, apenas em 1978, Medeiros passou a se dedicar à pesquisa.

Escreveu Petrovich: “voltou a pesquisar naquela antiga freguesia [Seridó], através dos livros paroquiais e dos cartórios, anotando batizados, casamentos e óbitos. E em seu poder, cerca de 3.000 assentamentos, desde o século XVIII, organizou um arquivo particular concentrada em bases clássicas e científicas.”

Em “A propósito de holandeses no Seridó” (O Poti, 01 setembro de 1974), carta publicada no jornal, o próprio Medeiros declarou: “Há quase trinta anos que me dedico a pesquisa genealógica, levantando pacientemente o acervo relativo ao início daquele povoamento ocorrido no final do século XVIII e início do seguinte (...)”.

Consta também que Medeiros fez uso do acervo documental do IHGRN e que foi responsável pela organização do acervo da instituição quando diretor da BAM. O acesso à documentação permitiu que ele desenvolvesse pesquisas que resultaram em trabalhos como “Terra natalense”, cuja principal fonte de pesquisa foi a documentação do Senado da Câmara de Natal presente no arquivo do IHGRN.

Também fez uso da documentação do IHGRN para recompor o trajeto da casa da câmara e cadeia de Natal (As Casas da Câmara e Cadeia da Cidade do Natal. Re-

vista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, v. LXX-VII-LXXVIII, anos 1985-1986, p. 09-18, 1990.)

A obra de Medeiros, ao que parece, observando os sumários dos livros e a lista dos artigos, se constitui uma espécie de coleção de estudos sobre um mesmo tema: a capitania do Rio Grande nos séculos XVI a XIX. A explicação que Medeiros apresenta em “Notas para história do Rio Grande do Norte” pode ser válida para os demais: “capítulos independentes entre si, todos eles versando sobre temas ligados à antiga Capitania do Rio Grande do Norte, no seu período colonial”.

A obra de Medeiros, portanto, versa sobre a história do Rio Grande do Norte, concentrando-se no período colonial e figura entre o litoral e o sertão, sobretudo, os sertões do Seridó. Assim como o trabalho do seu contemporâneo Oswaldo Lamartine de Faria, é ricamente ilustrada por fotografias, mapas e reprodução de documentos históricos.

Medeiros publicou diversos trabalhos sobre o Seridó, voltado para genealogia das famílias da região, inventários e a composição de uma cronologia da região; como também publicou diversos estudos sobre a presença indígena, francesa e holandesa na capitania do Rio Grande; e estudos sobre a cidade do Natal.

Cunhaú também foi um tema a qual se dedicou, tanto ao engenho, quanto a vida de André de Albuquerque Maranhão. Fora destas questões abordou os barões de Ceará-Mirim e Mipibu; naufrágios no litoral do Rio Grande do Norte; os fenícios e o professor Chovenágua; a história da cidade de Nísia Floresta; o acervo documental do IHGRN e a biblioteca de Enélio Lima Petrovich.

Uma genealogia dos trabalhos de Medeiros aponta questões interessantes a observar. Artigos que publicou no jornal e nas revistas dos institutos e da ARNL, ou em plaquetas, posteriormente, foram reunidos em coletâneas e publicados em livro; e textos de coletâneas, posteriormente, foram para o jornal, revistas e plaquetas.

Exemplos não faltam. “Uma casa de pedra do século XVI construída pelos franceses” foi publicado tanto no jornal O Poti em 1985, e, posteriormente, na Revista ANRL em 1991; “O mais valioso acervo de manuscritos históricos do Estado” em O Poti (1987) e na Revista IHRN (1989); e o artigo “André de Albuquerque Ma-

ranhão e a conspiração Suassuna”, foi originalmente na Revista ANRL (1996) e republicado após a morte do autor na Revista IHGRN (2011).

Já o artigo “Os antigos cronistas e os rios Upanema, Apodi e Mossoró” foi publicado em O Poti e em plaqueta pela Coleção Mossoroense em 1987. O mesmo acontece com o trabalho sobre os Tarairiús, presente na Revista IHGRN (1988) e motivo de plaqueta pela Coleção Mossoroense (1988).

Quanto ao método de pesquisa utilizado por Medeiros, ao que se percebe, ao ler os trabalhos do autor, é que Medeiros foi um pesquisador de campo. Não bastava apenas ler nos cronistas do período colonial, observar nos mapas de época e confrontar com a documentação existente nos arquivos, era preciso deixar o gabinete e ir verificar, observar, constatar, medir, averiguar.

Provavelmente, Medeiros é herdeiro da escola de Rodolfo Garcia, aquele para o qual o trabalho do historiador é desvendar documentos e dirimir dúvidas históricas. Neste caminho, dedicou-se a questões ainda sem solução e até fruto de um longo debate historiográfico que atravessou o século e ainda paira sem definição que é a naturalidade de Antônio Filipe Camarão.

Em artigo publicado na revista do Instituto do Ceará (Os dois Camarões da Nossa História. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, Ano CV, p. 361-368, 1991.) escreveu: “Permanece sem solução um detalhe: apesar de Antônio Filipe Camarão ter residido na Aldeia de Miritiba até 1629, quem poderá afirmar tenha ele nascido e sido batizado naquela aldeia? Bem poderia ter sido levado para lá, em tenra idade, com a finalidade de receber uma boa educação, a ser-lhe ministrada pelos religiosos franciscanos. Aguardemos que surja um novo documento esclarecedor.”

Assim, parece que nenhuma questão em aberto passou despercebida a Medeiros que escreveu também sobre a fundação da cidade do Natal (Considerações Sobre a Fundação da Cidade do Natal. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal, v. 39, n. 27, p.103-105, jul. 1998.), apontando acervos documentais no exterior dos quais se poderia extrair uma resposta.

Ao mencionar que José Antônio Gonsalves de Mello encontrou na Relação de Ambrósio de Siqueira da Receita e Despesa do Brasil, a movimentação financeira

ocorrida no Rio Grande, no período de 1598 a 1605, no Arquivo Geral de Simancas, na Espanha, apontou que este arquivo, quem sabe, poderia trazer novidades.

“Talvez, escreveu Medeiros, no mesmo Arquivo de Simancas se encontrem os documentos que tratem da fundação da cidade do Rio Grande. Outro arquivo, também espanhol, onde poderiam estar arquivados aqueles documentos, seria o de Sevilha. O surgimento de uma nova documentação inédita poderia modificar o próprio cronograma oficial relacionado com a fundação da cidade do Natal!”

Uma prova deste historiador que vai em busca dos vestígios do passado está também na própria pesquisa. Medeiros foi até a casa de pedra que acredita ter sido construída pelos franceses às margens do rio Pirangi (Uma casa de pedra do século XVI construída pelos franceses. Natal, O Poti. 07 de julho 1985; A casa de Pedra do Rio Pirangi. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal, v. 35, n.23, p.49-51, set. 1991.).

A descrição da casa e de suas ruínas é um atestado da sua presença: “a disposição singular dos cômodos que compunham a casa de pedra do Rio Pirangi parece-nos indicar que a finalidade principal da construção seria a de prestar armazenamento de mercadorias, objeto das trocas realizadas entre os gauleses e os potiguares.”

Além disso, era um propositor, ao escreve um outro artigo sobre a casa de pedra para o Poti (Uma possível relíquia arquitetônica francesa no litoral potiguar. Natal, O Poti, 12 de outubro de 1986.), alegou que um exame comparativo entre a edificação de Pirangi e outras construções comprovadamente levantadas pelos franceses no século XVI, poderia sanar a dúvida.

No seu estudo sobre os Tarairiús, (Os Tarairiús, extintos Tapuias do Nordeste. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v.149, n. 358, p.57-72, jan./mar. 1988; republicado em “Os holandeses na capitania do Rio Grande”), trouxe mais um esclarecimento importante.

Ao confrontar diversos relatos, como a descrição de etnográfica de Ambrósio Fernandes Brandão, Joannes de Laet, Zacharias Wagner, Elias Herckman, Macgrave, Piso, Nieuhof, Roulox Baro e Pedro Carrilho de Andrade, Medeiros apresentou que os tapuias Tarairiús não eram os mesmos que os tapuias Cariris.

Uma das fontes documentais essenciais no trabalho de Medeiros foram os mapas holandeses. Foi no confronto entre as informações cartográficas, os relatos dos cronistas e a observação in loco, inclusive, providenciando um registro fotográfico do presente, que o pesquisador localizou no hoje os lugares do passado.

Ao analisar os mapas holandeses, Medeiros verificou que a Ponta Negra da época do desembarque holandês correspondia ao que hoje é a ponta de Areia Preta, no trecho da praia de Mãe Luiza. O mesmo aconteceu em outros trabalhos. O que demonstra uma recorrência na aplicação do método.

Quando escreve sobre a enseada de Tabatinga e o porto de pescaria que lá havia (A Enseada de Tabatinga e o Porto de Pescaria de João Lostão Navarro, a 1º parte, publicada em O Poti de 19 outubro de 1986; e a 2º parte, em O Poti de 26 outubro de 1986; e republicado em “Os holandeses na capitania do Rio Grande”), vale-se de mapas que localizam o porto em Barra de Tabatinga.

Outro expediente caro a Medeiros era a consulta à tradição oral, considerada também fonte. No trabalho que escreveu sobre a casa forte de Domingos Jorge Velho (A Casa-forte de Domingos Jorge Velho e a Barra do Rio Espinhas., O Poti, 2 de novembro de 1986.), fez não só uso corrente das fontes primárias, mas também, fez consulta a gente do lugar.

Escreveu: “Nas nossas pesquisas para identificação do local onde teria sido edificada a casa-forte dos Paulistas, entramos em contato com o sr. Ramiro Monteiro Dantas, residente na Fazenda Saudade, em Serra Negra do Norte, pessoa muito versada nas tradições locais.”

Medeiros, assim, também restituiu aos lugares esquecidos e até incertos e não sabidos o seu caráter histórico, colocando luz no que com o passar do tempo se tornou invisível ao presente. É o que acontece também no estudo sobre o porto de pescaria dos capitães-mores no Potengi (O porto de pescaria dos capitães-mores no Potengi, O Poti, 11 de janeiro de 1987.), identificando na praia da Redinha este porto que já não mais existe pelo avanço do mar.

Também é o caso, ao analisar os mapas holandeses, de encontrar o exato lugar da vila holandesa Keysers Croon (Keysers Croon, uma vila holandesa no Bom Pastor.

Publicado em O Poti, 18 de janeiro de 1987; e Republicado em “Os holandeses na capitania do Rio Grande”). Escreveu: “(...) verificamos que aquele caminho de 1643 coincide com a rodovia atual que liga Natal à Macaíba.”

Medeiros também trouxe à luz o antigo marco divisório das capitanias do Rio Grande e da Paraíba, um dos raros marcos que restaram do século XVII (Antigos marcos divisórios das capitanias do RN e Paraíba, O Poti, 8 de fevereiro de 1987.) O pesquisador caiu em campo, viu as condições atuais e fotografou o marco, localizado no sítio Paulista, próximo a povoação de marcos de Cima.

O pesquisador descreveu para registro: “O marco é uma coluna de pedra granítica rejuntada com argamassa de cal e a areia. A coluna mede 1,10 metros de altura e está sobre um alicerce quadrangular também de pedra e argamassa, nele os dísticos Parahyba e Rio Grande mencionados por Herckaman.”

Parece também que alguns trabalhos foram fruto de desafio ou provocação que ele atendeu de bom grado. Havia uma correspondência entre Medeiros e outros intelectuais e pesquisadores das coisas do Rio Grande do Norte traçada entre cartas, troca de livros, sugestões para pesquisa e fontes. Havia uma rede formada por Oswaldo Lamartine de Faria, Vingt-un Rosado Maia e Olavo de Medeiros Filho que precisa ser estudada.

Um exemplo. No artigo que Medeiros escreveu sobre os cronistas e os rios Upanema, Apodi e Mossoró (Os antigos cronistas e os rios Upanema, Apodi e Mossoró, O Poti, 22 de fevereiro de 1987, republicado em “Índios do Açú e do Seridó), ele declarou que na dedicatória, o autor, Vingt-un Rosado, lhe fez uma provocação.

Rosado assim escreveu para Medeiros: “Sua estante holandesa é bem mais rica que a minha. Você toparia escrever um trabalho sobre os autores holandeses que eu não citei e seus depoimentos sobre o rio Upanema?”.

É, em resumo, o que se pode registrar sobre Medeiros, tendo em vista a escassez de dados biográficos pela completa ausência de entrevistas, registros memorialísticos, comentários, resenhas ou estudos históricos sobre Medeiros e sua obra.

Esta bibliografia, portanto, se lança como uma contribuição ao procurar listar publicações de Medeiros e traçar estas considerações de cunho inicial, a título de pistas encontradas na própria obra e nos raros comentadores.

O levantamento

Este levantamento contou com consultas aos bancos de dados de diversas instituições: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), revistas do IHGB, índices e revistas do IHGRN, Instituto do Ceará, IAHP e Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (BCZM/UFRN).

Infelizmente, o IHGP não dispõe de catálogo online de sua revista, nem tampouco constam exemplares nas bibliotecas do Rio Grande do Norte, tornando impossível a consulta a este acervo.

Na BNDigital foi pesquisada a coleção do jornal Diário de Natal até o último ano disponível no acervo, 1989. Infelizmente, o arquivo do jornal Diário de Natal sob a guarda da UFRN ainda se encontra indisponível para pesquisa, o que impediu a consulta aos acervos do jornal para completar a busca realizada na BNDigital – período posterior a 1989.

O IHGB, o Instituto do Ceará e o IAHP dispõem do índice das suas revistas para pesquisa por sistema de busca no site das instituições. O Laboratório de Imagens da UFRN, vinculado ao Departamento de História da instituição, por sua vez, dispõe de um repositório com os índices e edições da Revista IHGRN digitalizados.

Na BCZM foram consultadas *in loco* as revistas da ANRL, a exceção dos números que não constam no acervo. Também foi consultado o trabalho de Francisco Martins, “Autores e assuntos nas edições da revista da ANRL (1951-2018)”, publicado em 2018.

Houve também a tentativa de consultar as edições digitalizadas do jornal Tribuna do Norte na BCZM. A consulta deve ser realizada nas dependências da biblioteca em computador destinado para tal. No entanto, o sistema não permite busca refinada por palavra-chave, o que inviabilizou a proposta.

Também é um fato a completa falta de estudos sobre a obra de Medeiros, tanto em livros, quanto em teses e dissertações. Há apenas um trabalho de conclusão de curso, graduação em História, Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), de Ana Cristina Medeiros dos Santos, intitulado “*Olavo de Medeiros Filho: a escrita da história desvendando uma escrita de si*” e datado de 2006.

Esta bibliografia se propõe, portanto, como um serviço que se presta a pesquisadores, leitores e interessados na obra de Olavo de Medeiros Filho e nos seus temas de pesquisa. Trabalho necessário, pois o Rio Grande do Norte ainda é carente de levantamentos bibliográficos das obras de seus autores e temas.

A exemplo do realizado pelas bibliotecárias Tércia Marques e Margareth Menezes, em 2017, a partir do trabalho iniciado por Gustavo Sobral, sobre a obra de Oswaldo Lamartine e publicada na Revista IHGRN, número 95, ano 2017.

Bibliografia posteriormente reunida, pela sua relevância, na obra “Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra” (2018), de Gustavo Sobral e referendada na Coleção “O sertão de Oswaldo Lamartine” (2022), da editora da UFRN (Edufrn).

Outro exemplo é o trabalho realizado por Sobral e Igor Oliveira com a relação de autores e temas norte-rio-grandenses na revista do IHGB, disponível na Revista IHGRN, número 96, ano 2018.

É preciso que se registre que há arquivos não explorados de instituições que não dispõem ainda de suas bases de dados organizadas e acessíveis ao público, o que torna um levantamento desta natureza sempre um trabalho em progresso. Assim, esta bibliografia que se publica agora sobre a obra Medeiros procura ser, mesmo ciente de sua incompletude, mais uma contribuição à bibliografia do Rio Grande do Norte.

Espera-se que, todavia, este trabalho se configure como um ponto de partida à espera de uma futura continuidade, à qual colaborações vindouras de outros pesquisadores e estudiosos dos temas e da obra de Olavo de Medeiros Filho venham a agregar.

Cabe explicar que a organização desta bibliografia é cronológica e dividida nas seguintes categorias: livros, plaquetas e artigos. Os artigos foram separados por veí-

culos. As entradas correspondem ao ano de publicação, título do trabalho, local da publicação, responsável pela publicação (editora, gráfica, instituição, etc.). E, em se tratando de revista, os números e os volumes e as páginas correspondentes.

Aqui, se publica também, a título de adendo, uma relação das publicações de Medeiros localizadas no jornal Diário de Natal, nas décadas de 1970 e 1980. Por fim, é preciso registrar os agradecimentos a Pedro Simões, diretor da BAM/IHGRN; Thiago Gonzaga, editor da Revista ANRL; e às bibliotecárias Maria do Socorro Nascimento e Margareth Menezes da BCZM/UFRN.

Bibliografia de Olavo de Medeiros Filho

Livros

1981. **Velhas Famílias do Seridó.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981; 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2018. A segunda edição, importante mencionar, é tratada como edição especial, teve tiragem de apenas 140 exemplares e apresenta correções do autor, anotadas, e um acréscimo, o estudo “Holandeses no Seridó Colonial”.

1983. **Velhos Inventários do Seridó.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983; 2.ed., fac-similar, Natal: Sebo Vermelho, 2016.

1984. **Índios do Açu e Seridó.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984; 2. ed. Fac-similar. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

1988. **Caicó, cem anos atrás.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988; 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

1989. **No rastro dos flamengos.** Natal: Fundação José Augusto, 1989.

1991. **Terra Natalense.** Natal: Fundação José Augusto, 1991; 2. ed. Fac-similar. Natal: Sebo Vermelho, 2015.

1997. **Aconteceu na Capitania do Rio Grande.** Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

1998. **Os Holandeses na Capitania do Rio Grande.** Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1998; 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

2001. **Notas para a história do Rio Grande do Norte:** Ceará: Unipê, 2001.

2002. **Cronologia Seridoense:** livro primeiro (1545-1800). Ceará: Fundação Guimarães Duque, 2002; 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2015. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 1268).

2005. **Os Barões do Ceará-Mirim e Mipibu.** Mossoró: Fundação Guimarães Duque/ Fundação Vingt-un Rosado, 2005. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 1410.)

Plaquetas

1987. **Os antigos cronistas e os rios Upanema, Apodi e Mossoró.** Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1987. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 452)

1987. **Notícia sobre a Fazenda do Monxoró, em 1712.** Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1987. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 477)

1988. **Origens Genealógicas dos Morais Navarro no Nordeste Brasileiro.** Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1988. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 470)

1988. **Os Tarairiús, extintos Tapuias do Nordeste.** Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1988. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 502)

1988. **Naufrágios no Litoral Potiguar.** Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1988.

1989. **Discurso de Posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras.** Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1989. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 698)

1993. **O engenho Cunhaú:** a luz de um inventário. Natal: Fundação José Augusto, 1993.

1997. **O Terço dos Paulistas do mestre de campo Manuel Álvares de Morais Navarro e a Guerra dos Bárbaros.** Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1997. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 480)

1998. **As salinas holandesas no litoral potiguar.** Mossoró: ETFRN/UNED de Mossoró/ Mossoró: Fundação Ving-Un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, Série B, v. 1567)
2001. **Rio Grande do Norte: 500 anos.** Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2001.
2002. **Gênese Natalense.** Natal: Sebo Vermelho Edições, 2012.
2003. **Ribeiras do Assú e Mossoró:** Notas para a sua História. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/ Fundação Vingt-un Rosado, 2003. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 1360)
2004. **Os Fenícios do professor Chovenágua:** Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-un Rosado, 2004. (Coleção Mossoroense, Série C, v.1428)
2015. **Subsídios para a História da Cidade de Nísia Floresta: (1607-1899).** Natal: Sebo Vermelho, 2015.
2016. **Aspectos histórico-geográficos do trecho litorâneo entre a praia de Tibau do Sul e o Rio Sibaúna, RN - séculos XVII e XVIII.** Natal: Sebo Vermelho, 2016.
2017. **Holandeses no Seridó Colonial?** Natal: Sebo Vermelho, 2017.

Revista do IHGB

1988. Os Tarairiús, extintos Tapuias do Nordeste. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.149, n. 358, p.57-72, jan./mar. 1988

Revista do Instituto do Ceará

1991. Os dois Camarões da Nossa História. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, Ano CV, p. 361-368,1991.

Revista IHGRN

1987. Roteiro geográfico da viagem de Roulox Baro ao País dos Tapuias em 1647. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXIII-LXXIV, anos 1981-1982, p.33-35, 1987

1989. O mais valioso Acervo de manuscritos históricos do Estado. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v. LXXV-LXXVI, anos 1983-1984, p.7-8, 1989.

1990. As Casas da Câmara e Cadeia da Cidade do Natal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v. LXXVII-LXXVIII, anos 1985-1986, p. 09-18, 1990.

1994. A Castanhola da Ribeira: uma árvore bicentenária. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXIX-LXXX, anos 1987-1988, p.82-84, 1994.

1994. Nossos últimos Tapuias. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXXI, LXXXII, LXXXIII, anos 1989-1990-1991, p.90-94, 1994.

1997. Biblioteca Enélio Lima Petrovich. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXXIV-LXXXV, anos 1992-1993, p.11-12, 1997.

1997. A costa dos potiguares e a presença francesa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXXIV-LXXXV, anos 1992-1993 p.79-81, 1997.

2001. A morte do Padre Filipe Bourel (1709). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXXVII, anos 1994-1995-1996, p.176-178, 2001.

2011. André de Albuquerque Maranhão, Andrezinho de Cunhaú. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXXVIII, anos 1997-1998-1999, p.131-135, 2011.

2011. André de Albuquerque Maranhão e a conspiração Suassuna (1801). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. LXXXVIII, anos 1997-1998-1999, pág.143-146, 2011.

Revista ANRL

1990. Discurso de Olavo de Medeiros Filho. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 34, n. 22, p.78-88, nov. 1990.

1991. A casa de Pedra do Rio Pirangi. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 35, n.23, p.49-51, set. 1991.

1993. A capitania do Rio Grande sob o domínio Holandês (1633-1654). **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 36, n. 24, p.55-60, maio 1993.

1996. André de Albuquerque Maranhão e a conspiração dos Suassuna (1801). **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 37, n. 25, p.133-136, jan. 1996.

1997. Necrologia de Oswaldo de Sousa. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 38, n. 26, p.103-108, jul. 1997.

1998. Considerações sobre a Fundação da Cidade do Natal. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 39, n. 27, p.103-105, jul. 1998.

1998. Contrabando de pau-brasil na Baía Formosa entre 1695-1699. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 39, n. 27, p.107-109, jul. 1998

1998. Luís da Câmara Cascudo e o Seridó. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 40, n. 28, p.28-30, dez. 1998.

1999. Natal em 1864... **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 41, n. 29, p.63-66, dez. 1999.

2000. O descobrimento do Brasil: realidade e fantasia. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 42, n. 30, p.75-80, set. 2000.

2001. A beata Clara de Macedo e a povoação de São Batista do Assú. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 44, n. 32, p.97-101, jul/dez, 2001.

2002. A igreja Matriz do Assú - Século XVIII. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal, v. 45, n. 33, p.42-44, jan/jun.2002.

Relação das publicações no jornal Diário de Natal/O Poti (1970-1989)

1974. A propósito de holandeses no Seridó. Carta. Natal, O Poti. 01 de setembro 1974.

1979. Figuras do Seridó. José Calazâncio Dantas. Natal, O Poti. 16 de agosto de 1979.

1979. Figuras do Seridó. Clementino B. de Araújo. Natal, Diário de Natal, 8 de dezembro de 1979.

1985. Uma casa de pedra do século XVI construída pelos franceses. Natal, O Poti. 07 de julho 1985.

1986. Praia de Mãe Luiza, 1633: o desembarque holandês em Natal. Natal, O Poti. 14 de setembro 1986.

1986. Amsterdam, ou Cidade Nova, a esquecida capital do Rio Grande. Natal, O Poti, 28 setembro de 1986.

1986. Verdadeira origem da Cidade do Caicó. Natal, O Poti, 5 de outubro de 1986.

1986. Uma possível relíquia arquitetônica francesa no litoral potiguar. Natal, O Poti, 12 de outubro de 1986.

1986. A Enseada de Tabatinga e o Porto de Pescaria de João Lostão Navarro (1º parte). Natal, O Poti, 19 outubro de 1986.

1986. A Enseada de Tabatinga e o Porto de Pescaria de João Lostão Navarro (2º parte). Natal, O Poti, 26 outubro de 1986.

1986. A Casa-forte de Domingos Jorge Velho e a Barra do Rio Espinhas. Natal, O Poti, 2 de novembro de 1986.

1986. O Fortim da Barra do Rio Cunhaú. Natal, O Poti. 28 de dezembro de 1986.

1987. Uma obra de engenharia holandesa em Extremoz. Natal, O Poti, 4 de janeiro de 1987.

1987. O porto de pescaria dos capitães-mores no Potengi. Natal, O Poti, 11 de janeiro de 1987.

1987. Keyzers Croon, uma vila holandesa no Bom Pastor. Natal, O Poti, 18 de janeiro de 1987.

1987. Os holandeses e a abertura do canal de Tibau do Sul. Natal, O Poti, 1 de fevereiro de 1987.

1987. Antigos marcos divisórios das capitânicas do RN e Paraíba. Natal, O Poti, 8 de fevereiro de 1987.

1987. Os antigos cronistas e os rios Upanema, Apodi e Mossoró. Natal, O Poti, 22 de fevereiro de 1987.

1987. O mais valioso acervo de manuscritos históricos do Estado. Natal, O Poti, 2 de agosto de 1987.